

MESTRE TITO: ícone da luta dos negros contra a opressão religiosa e social

*Ênio José da Costa Brito

Não se trata de conservar o passado,
mas de resgatar as esperanças do passado.
(Adorno Horkheimer)

* Professor do
Programa de Pós,
PUC-SP.

A historiadora Regina Célia Lima Xavier, desde a década de 1990, tem se interessado pelas trajetórias de escravizados que conseguiram conquistar a liberdade. Em sua primeira pesquisa, realizada no mestrado em História na Unicamp, voltou-se para homens e mulheres livres que viveram em Campinas, nos últimos anos do século XIX. Publicada, em 1996, com o título, *A conquista da liberdade. Libertos em Campinas na segunda metade do Século XIX*,¹ a pesquisa não só fez memória da vida desses escravos, como se superou, ainda de maneira seminal, um paradigma, por tanto tempo hegemônico nos estudos históricos sobre a escravidão, o da separação entre o *tempo da escravidão* e o *tempo da abolição*. Ruptura apontada no prefácio por Silvia Hunold Lara: *mais que um estudo sobre os libertos, entretanto, seu livro também oferecia uma contribuição importante para a compreensão da experiência de libertos depois da Abolição*.²

Dando continuidade às suas pesquisas, Xavier retoma a história de Tito Camargo Andrade, um centro-africano nascido por volta de 1818, que viveu na antiga Vila de São Carlos, em *Religiosidade e escravidão no Século XIX: mestre Tito*, tese defendida na Unicamp, em 2002, e publicada em 2008. Sua publicação, nas palavras da autora, *não exigiu grandes mudanças na estrutura do texto ou atualizações de seu conteúdo original*.³

¹ XAVIER R. C. L., *A conquista da liberdade. Libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Campinas, CMU/UNICAMP, 1996.

² Cf. R. C. L. XAVIER, *Religiosidade e escravidão no Século XIX: Mestre Tito*. Porto Alegre, UFRGS, 2008, p. 10. Itálico nosso.

³ Idem, p. 19.

Ao longo de sete capítulos, o leitor acompanha a reconstrução cuidadosa da trajetória de Tito Camargo de Andrade, realizada no interior de um processo histórico do qual fazia parte. A sensibilidade da autora em integrar temas que em geral se apresentam separados na historiografia, confere ao texto um perfil inovador.

Levantes na vila de São Carlos

Em 1792, Floriano de Camargo Penteado, natural de Cotia, estabeleceu-se na vila de São Carlos, onde morreu em 1838, tendo amealhado uma fortuna considerável, graças a seus quatro engenhos, tocados por sua numerosa escravaria. Em 1830, como Capitão-Mor da Vila, alertou as autoridades para o perigo iminente de insurreição. O desequilíbrio demográfico era fator de constante preocupação por parte dos senhores, que viam a maioria negra como uma permanente ameaça. Perigo confirmado pela delação do vigário colado Joaquim José Gomes, que revelou terem os escravos de Monjolinho e Tapera planejado uma insurreição para o dia 10 de abril, adiada para 3 de maio de 1832. A revolta foi rapidamente reprimida e seus líderes presos. Aos 11 de maio do mesmo ano, João Barbeiro, forro, cabeça da revolta recebeu, a condenação.

Para a autora, a atitude do vigário colado, proprietário de escravos, desvela a ambigüidade presente na ação da Igreja: *podemos concluir, em primeiro lugar, que ele vivenciou particularmente essa tensão entre as orientações gerais da Igreja Romana e as demandas do Estado no sistema do padroado.*⁴

⁴ Idem, p. 47.

Em 1832, um novo levante foi abortado, escravos suspeitos, sob pressão, confessaram. A leitura dos processos deixa clara, a capacidade de articulação dos escravos, pois, no interior do grupo, encontravam-se escravos, forros, africanos e crioulos. A solidariedade não se circunscrevia às fronteiras étnicas ou religiosas. No entanto, *a religiosidade ocupa, pois, um lugar privilegiado no momento de se considerar os objetivos e as formas de organização dos escravos na revolta de 1832.*⁵

⁵ Idem, p. 68.

Nesse tempo, Tito, com seus 14 anos, gozava da confiança de seu senhor e de seus pares, era um escravo doméstico. Como seus companheiros, viveu momentos de insegurança por ocasião do falecimento de Floriano de Camargo, até saber que coubera em herança a Delfina de Camargo Andrade, esposa do falecido.

Em 1838, Tito já havia constituído família. Deve-se ter presente que a questão matrimonial dos escravos polarizava interesses do Estado, da Igreja, dos senhores, dos livres e dos próprios escravos. No âmbito dos estudos historiográficos, para alguns especialistas, a família escrava consolidava a política de domínio e, para outros, era um fator de resistência à mesma política.

Floriano de Camargo compartilhava da visão da Igreja e do Estado que via no casamento a possibilidade de moralizar escravos e livres pobres. No entanto, a política de controle na região, que passava por rápidas mudanças, dava sinais de exaurimento. Prova mais cabal eram as inúmeras revoltas ocorridas na região, como as de 1838, 1848, 1854, 1863, 1865 e 1871.

Os africanos, que antes eram individualmente temidos, passaram a sê-lo coletivamente. Não passava despercebida por parte dos senhores a capacidade dos escravos de se manterem informados acerca dos debates no parlamento, como dos conflitos diplomáticos (Questão Inglesa) com relação à questão servil. Ao acompanhar as sucessivas revoltas acontecidas na região, a autora pergunta pela capacidade dos escravos de superarem suas diferenças e se unirem. Ela vê, na religiosidade dos escravos, um dos elementos aglutinadores. Vários líderes das revoltas eram barbeiros, feiticeros e curandeiros.

A posição dos senhores configurava-se ambígua, *afinal, se, para os senhores, parecia ser sempre melhor permitir os batuques, ao fazê-lo, abriam aos seus escravos um espaço de reunião, confraternização, de troca de experiências e importância e infortúnios, na formação de um sentimento de comunidade, marcado pela pertença a um mesmo mundo cosmológico.*⁶ A Igreja, nesse processo, exercia um papel pacificador ao acolher no espaço católico essa religiosidade.

⁶ Idem, p. 110.

Doenças, mortes e sepultamentos

A morte se constituía num ponto de encontro de diversas cosmologias, que pensam o cosmos formado por duas dimensões, uma natural e a outra sobrenatural. Dimensões separadas, divididas, mas interconectadas.

O conhecimento do mundo sobrenatural se dava por revelação. *A revelação era o elo capaz de manter aberto um canal de comunicação entre ambos os mundos. Isso significa que, apesar das diferenças, os africanos, com base nessa crença, podiam conservar sua própria cosmologia, sendo sinceramente cristãos.*⁷

⁷ Idem, p. 119.

As orientações sobre os corretos procedimentos a serem tomados nos sepultamentos, exaradas pelo Bispo de São Paulo, Antônio Joaquim de Melo, em 1852, empenhado em purificar as vivências cristãs e sanear a vida clerical na Província, segundo as orientações romanas, não foram recebidas de modo homogêneo, dadas as diversas visões de mundo presentes na sociedade. Estudiosos da cultura e religiosidade africanas constataram a presença de um catolicismo africano (Séculos XVI, XVII e XVIII), flexível, de cunho sincrético, que não exigia dos africanos uma ruptura formal com suas crenças.

O processo de romanização implantando em todo o orbe católico no século XIX, se faz presente tanto na África, como no Brasil. Na África, com a preocupação de dar poder ao clero, torná-lo mediador entre o mundo dos vivos e dos mortos; no Brasil, levar o clero a uma vida mais espiritual, distante da política. Além disso, procurava-se normatizar as expressões devocionais, como levantar cruzes, construir capelas e igrejas.

Outra questão delicada era a dos sepultamentos, por colocar em tensão o poder religioso e o civil. Em geral, feitos no interior das igrejas, passaram por determinação do Império a serem realizados nos cemitérios públicos. Em 1834, proibiu-se o sepultamento nas igrejas por razões de saúde pública. Proibição ratificada em 1856. No entanto, *em uma sociedade tão hierarquizada como a de Campinas, a divisão social dos vivos tendia a se reproduzir entre os mortos. Havia, pois, o cemitério dos brancos e o dos pretos.*⁸

O estado dos cemitérios preocupava, especialmente, o *dos pretos*, motivo de queixas da população, dos párocos e das irmandades. Em 1835, a irmandade de São Benedito fez um requerimento à Câmara pedindo um terreno para a construção de uma capela, pedido reiterado em 1839, mas as obras só começaram em 1854. São Benedito, muito estimado pelos escravos, era apresentado como modelo a ser imitado, especialmente, na obediência às autoridades eclesiásticas.

Tito de Camargo Andrade, em 1866, juntamente com outros irmãos da irmandade São Benedito, empreendeu esforços para cuidar do cemitério e da capela do Cônego Melchior, em cumprimento a uma promessa feita por ocasião de uma epidemia de varíola, de construir uma capela para o santo, caso não fosse contaminado.

No século XVIII, a medicina científica, ao buscar legitimidade, entrou em conflito com a medicina popular tão presente na sociedade. Nos momentos de crise, a tensão entre

⁸ Idem, p. 131. Para uma ampla visão de toda essa disputa entre Estado e Igreja com relação aos cemitérios ver o amplo trabalho de C. RODRIGUES, *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (Séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2003.

médicos alopatas e homeopatas, entre práticos e curandeiros, ampliava-se, pois, a população valia-se dos *profissionais* mais próximos, como os curandeiros.

Essa tensão encobria dimensões diversas, como a política, a social e a religiosa. Dimensão política-social, os médicos buscavam afirmar seu poder e status na sociedade, estabelecendo uma hierarquia de saberes; religiosa, a doença era vista sob óticas diferentes, a população à associava a dimensão religiosa e os médicos a causas naturais. *Essa percepção religiosa envolvendo as doenças não estava restrita à manipulação dos medicamentos nem conotava apenas uma cultura católica européia. Mesclava-se, com certeza, a percepções africanas e ao conhecimento de métodos curativos trazidos da África pelos escravos.*⁹

Como curandeiro e devoto de São Benedito, protetor contra as doenças e os envenenamentos, Tito de Camargo gozava de ampla penetração em Campinas. Ao comprar a sua liberdade, pôde dedicar-se de corpo e alma à edificação da igreja, em honra de São Benedito, quebrando preconceitos e rompendo barreiras numa sociedade profundamente hierarquizada e escravocrata. *O famoso curandeiro transformava-se, cada vez mais, em importante líder religioso.*¹⁰

⁹ Cf. R. C. L. XAVIER, *Religiosidade e escravidão no Século XIX*, op. cit., p. 183.

¹⁰ Idem, p. 190.

Irmandade e Igreja de São Benedito

*Na primeira metade do Século XIX, travaram-se muitas batalhas no interior da irmandade de São Benedito. Nela, se entrecruzaram intenções e personagens diversos: o juiz municipal (representando o Estado), os párocos locais (a Igreja), a elite campineira, os irmãos de São Benedito.*¹¹

O Estado, interessado no controle dos patrimônios das irmandades, solicitava regularmente uma prestação de contas. Como a irmandade de São Benedito viveu um bom tempo numa informalidade administrativa, o seu compromisso só foi aprovado em 1844. Os juizes municipais tiveram dificuldade para entender seus negócios e suas contas. Com um patrimônio pequeno, administrado por procuradores pouco envolvidos com o seu projeto e práticas, a Irmandade de São Benedito lutou com dificuldades para sobreviver. Apesar dos problemas, ela conquistou uma certa autonomia frente ao aparato administrativo do estatal.

Se no Século XVIII a autonomia das irmandades frente à Igreja era enorme, os párocos eram vistos como funcionários do sagrado. Os irmãos se encarregavam de tudo, ou quase tudo, pois cabia ao pároco celebrar a missa e administrar os

¹¹ Idem, p. 191.

sacramentos. O mesmo não pode ser dito do Século XIX, quando a situação se inverteu. Por intermédio dos párocos, a Igreja investe no controle espiritual e também temporal das irmandades leigas.

Não se pode esquecer que a Igreja colonial encontrava-se visceralmente ligada ao projeto colonizador, civilizatório e cristianizador. No entanto, *a despeito de tudo, a irmandade representava um local privilegiado para se desenvolverem relações solidárias e para se vencerem as dificuldades cotidianas contra as quais lutavam.*[Os escravos] *podiam ali se ajudar mutuamente em suas doenças ou em seus sepultamentos.*¹²

¹² Idem, p. 242.

A saúde econômica das irmandades era controlada pelos juizes que deixavam em segundo plano as atividades devocionais, como celebrar missas, cuidar dos doentes e dos sepultamentos e celebrar festas em louvor do orago. Na Irmandade de São Benedito, duas atividades galvanizavam e consumiam os poucos recursos, as festas e a construção da Igreja, em honra de São Benedito.

Apesar do controle, *nessas primeiras décadas do Século XIX, a irmandade de São Benedito conseguiu, até certo ponto, driblar os constrangimentos impingidos pelas autoridades dos municípios, mantendo margens de autonomia até mesmo quanto à posse de seus bens e reafirmando-se em suas atividades devocionistas.*¹³

¹³ Idem, p. 262.

Entre 1850 a 1870, apesar das tensões nenhuma postura municipal, em Campinas, proibiu festas como as congadas, cavalhadas e outras. Na década de 1870, com a aceleração dos processos de urbanização e romanização, as festas passaram a serem vistas negativamente.

Em 1874, explodiu o conflito em torno da construção da capela. Tito de Camargo se afastou, devido às ingerências do vigário colado Souza e Oliveira. A partir de 1875, com a imagem desgastada, tanto religiosamente quanto politicamente, o vigário se retirou da paróquia. O seu coadjutor e sobrinho Cypriano de Souza e Oliveira dará continuidade à participação cada vez mais intensa da Igreja na vida das irmandades.

O projeto de construção da capela passou por mudanças profundas. Os recursos financeiros sempre poucos e os conflitos no interior da irmandade, em 1874, levaram Tito de Camargo a assumir a responsabilidade de levar adiante a construção da capela, desvinculado da Irmandade. Gradualmente, a cidade passou a ver a capela como um bem público

Graças a sua rede de relações, Tito de Camargo se aproximou de pessoas influentes na sociedade campineira, como Anna Gonzaga e o padre Cypriano de Souza e Oliveira.

Em 1877, eles organizam espetáculos beneficentes, no Teatro São Carlos, para arrecadar fundos para a construção da Igreja. Outra fonte de arrecadação de recursos eram os leilões organizados por Tito de Camargo e Anna Gonzaga, os primeiros, populares, os segundos, para a elite campineira.

Toda esta movimentação acabou aproximando as senhoras da sociedade do Santo. Dele se exaltava, agora, o sofrimento, sem nenhum vínculo com o dos escravos. *Assim, a Capela de São Benedito deixava de ser uma obra feita pela e para a comunidade negra (escrava e/ ou liberta, africana ou crioula) e passava a ser extensiva a todos os católicos.*¹⁴

¹⁴ Idem, p. 321.

Em 1880, adoentado, Tito de Camargo não tem condições de dar continuidade aos movimentos para arrecadar recursos financeiros para a capela. Faleceu, em 29 de janeiro de 1882, teve um enterro solene, não foi sepultado no interior da capela, como era seu desejo, devido a uma velha proibição exarada pela Câmara em 1865.

Ao longo da vida, Tito de Camargo amealhara um consistente patrimônio e constituíra com Joana de Camargo uma família estável. Estabilidade dissolvida por ocasião da partilha dos bens. A filha e um genro acusaram Joana de Camargo de ter gasto demais com os funerais. Em pouco tempo, o patrimônio deixado por Tito de Camargo foi desfeito pelos familiares. Joana de Camargo veio a falecer em 16 de maio de 1883.

O livro de tomo registrou a sagração da igreja realizada, em 1º de outubro de 1885, pelo bispo do Ceará Joaquim José Vieira e fez menção ao trabalho de Tito de Camargo em prol da construção da mesma.

Após década de esquecimento, Tito de Camargo é lembrando, em 1920, pelo jornal *O Getulino* e pela Câmara Municipal, em 1930, ao dar o nome de Mestre Tito a uma rua da Vila Industrial. Seguiu-se um outro longo silêncio. Na década de 1960, volta a ser lembrado por Edmo Goulart, que juntamente com padre Machadinho conseguem do bispo D. Paulo de Tarso Campo o traslado dos restos mortais de Tito de Camargo para a igreja de São Benedito.

*Muitos viram, na trajetória de Tito de Camargo e em sua ascensão social, uma aproximação do mundo dos livres e dos brancos em detrimento dos irmãos de São Benedito. No entanto, se é verdade que fez alianças com os primeiros, nunca se divorciou dos segundos. Em suas relações sociais, sempre buscou negociar em favor daqueles irmãos, da irmandade, da construção da Igreja, da conquista de liberdades.*¹⁵

¹⁵ Idem, p. 347.

Contribuições importantes

Muitos historiadores tem se debruçado sobre o tema das irmandades. Esses estudos cada vez mais procuram olhar em profundidade essa instituição, que esteve tão presente no período colonial e imperial brasileiro. *Religiosidade e escravidão no século XIX: mestre Tito*, de Regina Célia Lima Xavier, se insere nessa dinâmica historiografia. Inserção que traz uma contribuição marcante não só para a compreensão das irmandades como da religiosidade vivida pelos irmãos.

A autora evita a armadilha tão presente e continuamente renovada de olhar as irmandades sob uma perspectiva dual, isto é, como espaço de submissão ou de resistência. Perspectiva paralisante, pois, elimina de saída a dimensão dialética. Xavier constrói, gradualmente, ao longo da pesquisa, uma estrutura analítica, que exigiu novos marcos teóricos para suportá-la. Vale a pena apontar, brevemente, alguns: ter sempre presente as experiências históricas específicas vividas pelos membros da irmandade; deixar de pensar o negro como vítima, ou, na certa formulação de Eduardo Paiva, superar o *complexo do tronco*;¹⁶ superar a leitura eivada de traços evolucionistas que sustentam ser a cultura yorubá mais pura que a banto, esta teria se desvirtuado na diáspora; ter presente as múltiplas vivências do catolicismo e suas inserções políticas e não vinculá-lo necessariamente a formas de assimilação. Ter respeitado nas análises esses pressupostos, autorizaram a autora a concluir: *Na análise dessas relações sociais, surgiu uma outra interpretação sobre a irmandade de São Benedito, entendida não como local de afirmação da submissão mas essencialmente, como um espaço de luta e de conquistas.*¹⁷

Uma das contribuições mais significativas da pesquisa foi a de ter recuperado, mediante a análise dos embates da irmandade com as autoridades civis e religiosas, algumas *tradições culturais e políticas das instituições religiosas negras*, mesmo sem uma documentação abundante sobre a irmandade de São Benedito.

Religiosidade e escravidão no Século XIX: mestre Tito, escrito num estilo elegante e envolvente, pode ser lido por todos que se interessam em conhecer um pouco mais *as esperanças do passado*. Rico, instigante no conteúdo e eloquente na forma pela qual dialoga com a historiografia nacional e internacional, o livro dá uma contribuição marcante para a história social e cultural dos africanos e seus descendentes, realizando plenamente o desejo da autora.

¹⁶ Cf. E. PAIVA, *Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII. Estratégias de resistência através dos testamentos*. São Paulo, Annablume, 1995, pp. 60-61.

¹⁷ Cf. R. C. L. XAVIER, *Religiosidade e escravidão no Século XIX*, op. cit., p. 358.